

**ENTREVISTA DA PROFESSORA
NELLY NOVAES COELHO***

À LINHA D'ÁGUA

Linha D'Água (LD) – Gostaríamos que registrasse sua relação com o ensino de Literatura Infantil na universidade. Como foi a implantação? Que esforços exigiu?

Nelly Novaes Coelho (NC) – Foi uma longa batalha. Sintetizando-a, podemos dizer que começou em meados dos anos 70, quando descobri por acaso a nova literatura infantil que começava a surgir e que, hoje, é conhecida como “objeto novo” (com nomes como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Lúcia Góes e uma plêiade de novos escritores e ilustradores, hoje já consagrados). Começaram também, nessa época, os Seminários ou Congressos Internacionais e Nacionais sobre essa nova produção literária; com discussões sobre a sua sintonia com os novos valores que se impunham à Sociedade, à Educação e ao Ensino, etc., etc. Em 1979, durante o semestre em que ministrei um curso de Cultura Brasileira na UCLA (Universidade da Califórnia – Los Angeles), tive a oportunidade de assistir a vários seminários sobre as implicações entre a nova literatura para crianças e sua presença obrigatória no sistema escolar, como instrumento ideal para a formação das mentes. E isso, na medida em que a leitura, a literatura, o convívio com a palavra escrita vinha sendo apontada, como uma espécie de força de resistência à fragmentação interior, imposta às mentes pelas multimídias e exclusiva interação com a leitura imagética, visual e veloz que, com o tempo, acaba levando à “paralisia mental” ou ao embotamento da consciência crítica. É o fenômeno que parece estar acontecendo hoje, com os jovens... Nesse sentido, fazia-se urgente dar uma nova formação aos futuros professores de Língua e literatu-

* Professora Titular de Literatura Infantil, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – FFLCH/USP

ra vernácula, pois são eles, no atual sistema de vida, os grandes canais, através dos quais a concepção de mundo de cada um deve se formar (o que antes acontecia no ambiente familiar e social em geral). Ao voltar para o Brasil, vim com essa idéia. Tentei envolver colegas de outras áreas (Educação, Psicologia, Ciências Sociais) para a montagem de um curso transdisciplinar... Proposta que teve muito boa acolhida por parte dos colegas, foi elaborado um programa, mas a burocracia da USP impediu que se tornasse realidade. A única saída foi, então, propor sozinha ao Conselho Departamental de Letras a criação da disciplina optativa, Literatura Infantil. Foi aprovada e começa a existir em 1980 e até hoje só tem feito crescer. Inclusive, além dos cursos de graduação, há os de pós-graduação, com a realização de inúmeros Mestrados e Doutorados.

LD – Como tem sido contemplado o ensino de Literatura infantil nos cursos de Letras atualmente?

NC – Até onde tenho conhecimento, a introdução dessa disciplina nos cursos de Letras das inúmeras universidades brasileiras vem sendo lenta, mas atualmente já existe praticamente em todas elas, do sul ao norte. Quanto ao nosso curso, a carência vem sendo de professores. Mas, segundo notícias recentes, parece que vamos ter duas vagas abertas para concurso.

LD – Sua dedicação, seu envolvimento com a Prática de ensino sempre foram intensos. A senhora acha que os cursos de Letras de nossas universidades vêm preparando convenientemente seus alunos para a atuação docente?

NC – De uma maneira geral, não. Na verdade, não é novidade nenhuma o fato de estarmos vivendo uma fase de deterioração do ensino tradicional e de experimentação do novo. Portanto, o que temos, em geral, são grandes esforços de adequação dos métodos e também de busca por certas filosofias de linguagem que dêem conta da nova criação literária e dos novos interesses dos alunos. Mas o que predomina são as experiências e um “novo” ainda indefinido. Temos pequenos grupos, em praticamente todas as universidades brasileiras (como tenho observado pessoalmente, em minhas constantes viagens pelo Brasil), empenhados em métodos experimentais. Mas o novo sistema “oficial” que se faz necessário, sem dúvida ainda vai demorar muito. É uma questão de amadurecimento de uma nova mentalidade. Nessa linha de experimentação, estão também os livros didáticos e paradidáticos... há bastante avanço, mas nenhuma forma definitiva. Haverá algum dia?

LD – Recentemente, a pesquisa literária foi agraciada com a publicação do *Dicionário Crítico das Escritoras Brasileiras*, da Editora Escrituras. A Senhora poderia contar-nos um pouco sobre essa pesquisa?

NC – Essa idéia de dicionário também resultou de meu envolvimento com o ensino e a crítica literária, principalmente da literatura contemporânea, – a grande desconhecida do grande público – e, conseqüentemente, dos alunos. Fenômeno que acontece não só entre nós, mas nos demais países. Grandes autoras (como também grandes autores) que chegavam aos meu conhecimento, desde os anos 60, quando comecei à crítica literária, continuavam ignorados do grande público, apesar dos anos passarem. Pensei inicialmente em publicar ensaios sobre tais autores e autoras. Publiquei vários. Mas na virada dos anos 70/80, acentuou-se a crise da mulher em busca de si mesma, e a literatura feminina tinha muito a dizer sobre isso. Foi quando me voltei predominantemente para as escritoras... Há uma plêiade de grandes nomes, como poderão constatar no dicionário. Abstenho-me de citá-los, pois, ou a lista seria longa, ou eu cometeria injustiças. E como o hoje tem raízes no ontem, acabei por completar a pesquisa com as escritoras de ontem, e o panorama acabou abrangendo 290 anos de produção literária feminina (1711-2001), com 1400 verbetes.

LD – No último XVII Encontro da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística) realizado em Gramado (RS), no grupo de trabalho “A mulher na Literatura”, houve a apresentação de trabalhos sobre: a literatura, a linguagem e o feminismo; as escritoras contemporâneas e suas linguagens; escrita e militância. Como a senhora definiria para o nosso leitor essa literatura feminina e a sua repercussão no panorama literário mundial?

NC – Sem dúvida, a influência da literatura escrita pelas mulheres vem crescendo de importância, tanto na esfera da estética como na esfera social. Não tanto pelo que se entende de “militância” feminista, mas por sua contribuição para a compreensão da natureza da crise de transformação hoje em processo. Estamos longe de podermos ter uma síntese dessa produção, mas o que já se sabe é que literatura autêntica não depende de sexo, mas de talento e de “sintonia” do escritor/escritora com seu tempo. A problemática que alimenta a literatura feminina contemporânea é igual à que alimenta a escrita pelos homens. Dela podemos destacar: a consciência da Palavra como nomeadora/fundadora de mundo, a busca da verdade do “eu” em sua relação com o “outro”, o testemunho das limitações do cotidiano em

que a vida se cumpre, o sexo como a grande força da realização existencial, o questionamento existencial (quem sou eu?, de onde vim?, o que estou fazendo aqui?), etc... A problemática, como não podia deixar de ser, é a mesma. A diferença está no ponto de vista ou na ênfase em determinadas facetas dos problemas... Quanto à natureza da linguagem, não há diferença. Não acho que haja uma linguagem especificamente feminina, como muitos analistas afirmam. A matéria prima usada por escritoras e escritores é a mesma: a língua portuguesa.

LD – Seu amor pela arte, pela literatura não a instigaram a enveredar pelo caminho da criação literária?

NC – Jamais. Muitos me têm perguntado isso. Acho curioso, pois sempre fui uma leitora voraz (desde os cinco anos de idade) mas nunca sonhei em ser poeta ou romancista. A não ser, no tempo do colégio, que escrevi uns romancinhos “à la M. Dolly” com amores platônicos e muitos bailes com vestidos de “luxo”, como era moda nos meus quinze anos! Felizmente parei aí...

LD – O percurso de sua carreira docente e a experiência decorrente de sua atuação permitem-lhe visualizar um quadro promissor na política educacional do país?

NC – Claro! Não só porque sou naturalmente otimista, mas porque vejo as consciências acordando e amadurecendo, no sentido das reformas. Inclusive no âmbito político (fundamental, mas naturalmente vagaroso), as coisas tendem a se adequarem às necessidades maiores do nosso tempo.

LD – Professora brilhante, pesquisadora respeitada dentro e fora do país, que mensagem a Senhora daria aos leitores de *Linha d'Água*?

NC – Agradeço a generosidade de vocês. Entre as muitas coisas que poderia dizer, destes quarenta anos de carreira e oitenta de vida, é que “Valeu e Vale a pena!”. Nossa profissão (ou missão?) de professores e pesquisadores é de fundamental importância para a construção da Nova ordem que há de vir. Não podemos esquecer que somos a “ponte” entre o possível conhecimento consciente e as novas gerações. Não há grande nação sem grandes professores ou sem um mundo pensante idealista, bem preparado e atuante em todas as circunstâncias que a vida oferecer ou exigir.